



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JULIANA FERREIRA DAS NEVES

**IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E
INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA)**

**GUARABIRA
2024**

JULIANA FERREIRA DAS NEVES

**IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E
INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Artigo, apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Profa. Ma. Débora Regina Fernandes Benício

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N518i Neves, Juliana Ferreira das
Importância da ludicidade para o processo de
aprendizagem e inclusão escolar de estudantes com
Transtorno do Espectro Autista (TEA) [manuscrito] / Juliana
Ferreira das Neves. - 2024.
23 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em Pedagogia) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Ma. Débora Regina Fernandes Benício,
Departamento de Educação - CH".

1. Inclusão escolar. 2. Ludicidade. 3. Transtorno do
Espectro Autista (TEA). I. Título

21. ed. CDD 371.9

JULIANA FERREIRA DAS NEVES

**IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E
INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTROAUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade
Artigo, apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Especial e
Inclusiva

Aprovada em: 18/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Débora Regina Fernandes Benício

Profa. Ma. Débora Regina Fernandes Benício (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Karollina Ingrid S. do E. Santo
Profa. Karollina Ingrid Soares do Espírito Santo
Mestranda da UFCG

Verônica Pessoa da Silva.

Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por seu apoio, incentivo e por toda a sua dedicação para que eu tivesse um bom ensino.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui e por nunca me deixar desistir diante dos obstáculos.

À minha mãe Maria das Neves Cândido por toda sua dedicação, apoio e incentivo.

À minhas irmã e irmãos por me incentivar.

À meu noivo Luciano da Silva Nunes, por todo apoio e por não me deixar desistir.

À minha orientadora Débora Regina Fernandes Benício, sua dedicação, paciência correções e sugestões.

Aos professores que contribuíram com ensinamentos que me ajudaram no meu processo de formação.

E todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a construção do trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM	Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
3.1 Inclusão Escolar	14
3.2 Transtorno do Espectro Autista	17
4. LUDICIDADE E TEA	20
5. CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	

IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Autora: Juliana Ferreira da Neves¹

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo mostrar como o uso da ludicidade pode contribuir para o processo de inclusão e aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Buscou-se de modo específico verificar de que modo estratégias lúdicas, como jogos, podem favorecer com a didática utilizada pelos professores nos momentos de aprendizagem; discutir o conceito de TEA e ludicidade; e analisar como a ludicidade pode ser utilizada em sala de aula. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo como embasamento teórico leituras de livros e artigos. Para tanto foram consultados os seguintes autores e documentos legais: Abreu (2020), Beyer (2013), BNCC, Costa (2009), CF de 1988, DSM- 5, Gaiato (2018), Lei N° 12.764, de 27 de Dezembro de 2012, Lei N° 13.977, de 8 de Janeiro de 2020, Lima (2019), Luckesi (2022), Mantoan (2003), Massa (2015), Oliveira; Albrecht (2021), Resolução CNE/CEB N° 2, de 11 de Setembro de 2001, Santos (2008), Santos *et al* (2023), Sousa et al (2022), Souza (2022). A partir da pesquisa bibliográfica, foi possível observar que a ludicidade é um recurso fundamental para ser utilizado no ambiente de ensino, pois além de promover um ambiente acolhedor e inclusivo de forma que todos participem, contribui também para o processo de aprendizagem das crianças principalmente aquelas com transtorno do espectro autista, de forma prazerosa. Dessa forma, pode-se afirmar que a ludicidade é de fundamental importância para o desenvolvimento aprendentes e que precisa ser mais estudada e mais incorporada no ambiente de aprendizagem pelos professores. O trabalho está organizado da seguinte forma: Introdução, Metodologia, Inclusão Escolar, Transtorno do Espectro Autista, Ludicidade e TEA e por fim encontra-se a Conclusão e as Referências.

Palavras-Chave: Inclusão Escolar; Ludicidade; Transtorno do Espectro Autista (TEA)

IMPORTANCE OF PLAYFULNESS FOR THE LEARNING PROCESS AND SCHOOL INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

ABSTRACT

This study aims to show how the use of playfulness can contribute to the inclusion and learning

¹ Estudante de graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III
E-mail: juliana.neves@aluno.uepb.edu.br

process of students with Autism Spectrum Disorder (ASD). The aim was specifically to verify how playful strategies, such as games, can benefit the teaching methods used by teachers during learning moments: to discuss the concept of ASD and playfulness; and to analyze how playfulness can be used in the classroom. This research is qualitative in nature and for data collection, a bibliographic and documentary research was carried out, with theoretical basis readings of books and articles. For this purpose, the following authors and legal documents were consulted: Abreu (2020), Beyer (2013), BNCC, Costa (2009), CF of 1988, DSM-5, Gaiato (2018), Law No. 12,764, of December 27 of 2012, Law No. 13,977, of January 8 of 2020, Lima (2019), Luckesi (2022), Mantoan (2003), Massa (2015), Oliveira; Albrecht (2021). CNE/CEB Resolution No. 2, of September 11 of 2001, Santos (2008), Santos et al (2023), Sousa et al (2022), Souza (2022). From the bibliographic research, it was possible to observe that playfulness is a fundamental resource to be used in the teaching space, because in addition to promoting a welcoming and inclusive environment so that everyone can participate, it also contributes to the learning process of children, especially those with global development disorders, in a pleasurable way. Thus, it can be stated that playfulness is of fundamental importance for the development of students and that it needs to be further studied and incorporated into the learning environment by teachers. The work is organized as follows: Introduction, Methodology, School Inclusion, Autism Spectrum Disorder, Playfulness and ASD are contextualized and finally, there is the Conclusion and References.

Keywords: School Inclusion; Playfulness; Autism Spectrum Disorder (ASD)

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um processo que promove o acesso e participação de todos nos sistemas de ensino. Apesar de já ter passado por um grande avanço que possibilitou oportunidades na educação, e com leis que garantem o acesso e a permanência das pessoas com deficiência, infelizmente muitas crianças com deficiência ainda não frequentam os espaços de ensino e quando frequentam, as escolas não estão preparadas para receber essas crianças, seja por falta de estrutura ou professores qualificados.

Então, para promover a inclusão escolar é importante que os professores e as instituições de ensino busquem uma abordagem inclusiva, proporcionando acessibilidade no ambiente educacional e nas atividades para que assim venham proporcionar um espaço acessível e acolhedor para todos, atendendo assim às necessidades de cada estudante.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) conhecido como autismo é um transtorno global do desenvolvimento que pode variar em níveis de suporte 1, 2 e 3, tendo como características déficits tanto na comunicação e como na interação social, que podem ser percebidos no primeiro ano de vida. Essas características podem dificultar o aprendizado dessas crianças. De acordo com Oliveira (2020) atualmente o número de diagnóstico passou a ser mais frequente por ter se tornado mais conhecido pela sociedade. O autismo era algo desconhecido, muitos não o compreendiam, e muitas famílias por não o conhecerem acabavam sem buscar ajuda, pois não havia acompanhamento e tratamento adequado e até mesmo um apoio. Sendo assim, é importante conhecer o termo do autismo e suas características para que se tenha uma conscientização e apoio familiar tendo em vista a busca de um diagnóstico desde cedo na vida da criança.

A instituição de ensino é a principal ferramenta para o desenvolvimento tanto social como educacional, pois ela proporciona a interação social, fazendo com que a criança autista tenha contato com outras crianças. No entanto, incluir uma criança com autismo na escola, principalmente quando se trata ensino regular, ainda é um grande desafio, uma vez que na maioria das vezes a comunidade escolar não está preparada para receber esses discentes. A falta de conhecimento sobre o autismo também dificulta no processo de inclusão. Assim, para receber crianças autistas é necessária que se tenha uma formação para os professores, uma inclusão do ambiente escolar e dos métodos de ensino a fim de atender às suas necessidades.

A ludicidade surge como uma estratégia pedagógica eficaz para atender essas necessidades e promover a inclusão e aprendizagem dos estudantes com autismo.

Sendo assim, o lúdico é importante, pois, estimula o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, principalmente para pessoas com autismo. O uso da ludicidade pode tornar o ambiente mais acolhedor e prazeroso para as crianças, permitindo que os autistas explorem e aprendam de forma significativa. É importante que os professores busquem novas estratégias de ensino a fim de promover uma aprendizagem igualmente significativa para as crianças com autismo.

Diante do exposto, busca-se responder a seguinte questão: como a ludicidade pode ser utilizada de forma eficaz para promover a aprendizagem e inclusão dos estudantes com TEA considerando suas necessidades?

O que justifica essa pesquisa é o fato de a inclusão escolar de autistas, apesar de já ter tido um grande avanço, ainda ser um desafio que precisa ser mais estudado. A ludicidade surge como uma ferramenta fundamental para o processo de inclusão e aprendizagem desses sujeitos, promovendo a interação e desenvolvimento dos mesmos. Assim, essa pesquisa contribuirá para um maior conhecimento e reflexão sobre o tema abordado, a fim de repensar os métodos de ensino que estão sendo utilizados para promover a aprendizagem e inclusão das pessoas com espectro autista.

Temos como objetivo geral desta pesquisa refletir como a ludicidade pode contribuir para o processo de aprendizagem e inclusão de estudantes com TEA.

Os objetivos específicos são: verificar quais estratégias lúdicas estão sendo utilizadas pelos professores em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem e inclusão; discutir os conceitos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e ludicidade; analisar como a ludicidade pode ser utilizada em sala de aula com alunos com TEA; refletir sobre a importância da ludicidade para os alunos com TEA.

Como aporte teórico consultamos os textos de Abreu (2020), Bayer (2013), BNCC, Costa (2009), CF de 1988, DSM- 5, Gaiato (2018), Lei Nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012, Lei Nº 13.977, de 8 de Janeiro de 2020, Lima (2019), Luckesi (2022), Mantoan (2003), Massa (2015), Oliveira; Albrecht (2021), Resolução Cne/Ceb Nº 2, de 11 de Setembro de 2001, Santos (2008), Santos *et al* (2023), Sousa et al (2022), Souza (2022).

Este trabalho está subdividido da seguinte forma: Introdução, Metodologia, Fundamentação teórica, na qual é contextualizada a inclusão escolar; o transtorno do espectro autista; e a ludicidade e por fim encontra-se a conclusão e as referências

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa para um melhor entendimento do que foi estudado. Para Silveira e Gerhardt (2009, p. 31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Desse modo, a pesquisa qualitativa não busca representar os resultados numericamente e sim através de aprofundamentos para uma melhor compreensão sobre o que está sendo estudado.

Para a coleta de informações optamos por uma pesquisa bibliográfica através de leituras de livros, artigos e revistas que nos direcionaram na escrita deste trabalho. De acordo com Gil (2002) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44). Com isso a pesquisa bibliográfica permite que o pesquisador construa novos estudos utilizando como base estudos já publicados.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico abordaremos sobre os aspectos históricos e as bases legais da inclusão escolar e, também, sobre os aspectos históricos e conceituais do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

3.1 Inclusão Escolar

A inclusão escolar é um processo educacional que busca garantir a inserção de todos no sistema educacional regular independentemente de suas condições ou características. De acordo como Beyer (2013) havia uma separação entre pessoas com deficiência das sem deficiências, sendo educadas de forma separada. No entanto, com o tempo, alguns países adotaram uma abordagem de educação inclusiva.

De acordo com Mantoan (2003, p.12) [...] “a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam”. Diante disso a inclusão é fundamental para que a escola possa realizar de forma eficaz sua função educadora, atendendo às necessidades de todos

Segundo Mantoan (2003)

Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos. (p. 30)

De acordo com a fala de Mantoan a inclusão na educação é importante para que seja criado um ambiente que valorize e respeite as diferenças dos estudantes para que assim possam se desenvolver sem preconceitos. Assim, a inclusão traz uma mudança significativa na vida das pessoas que enfrentam desafios nesse processo de inclusão.

A Resolução CNE/CEB nº. 02/2001 determina em seu artigo 2º que:

Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem conhecer a demanda real de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais, mediante a criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos. (Brasil, 2001)

Com isso, os sistemas de ensino devem ser inclusivos, garantindo o acesso e a permanência dos estudantes com necessidades educacionais especiais. As escolas devem se organizar para proporcionar um ambiente adequado e de qualidade para o aprendizado de todos. A Constituição Federal de 1988, determina em seu artigo 206, inciso I, que “o ensino deve ser ministrado com base na igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Assim, o ensino deve ser um ambiente que acolha a diversidade e promova a igualdade de oportunidades para todos independentemente de suas diferenças. Além disso, é importante que os sistemas de ensino garantam condições para que todos permaneçam nas escolas com uma estrutura acessível, recursos adaptados, professores capacitados, metodologia flexível entre outros aspectos.

Sousa *et al* (2022) enfatizam que o sistema educacional inclusivo não apenas garante que todos tenham acesso às escolas, mas ele busca, também, garantir que todos os alunos permaneçam, participem ativamente das atividades propostas, e tenham uma aprendizagem significativa, incluindo aqueles com necessidades especiais.

Nas últimas quatro décadas, houve mudanças significativas no contexto educacional para melhor atender os alunos com diversas necessidades de aprendizagem (Beyer, 2013). Entretanto, em algumas escolas essas mudanças não foram tão significativas, quando se pensa da inclusão no sistema educacional foi e continua sendo um grande desafio, pois muitas escolas não estão preparadas para lidar com as diferenças dos discentes.

Conforme os autores Sousa *et al* (2022, p. 60)

A educação inclusiva veio com a intenção de melhorar o ensino nas escolas, sendo que para que haja realmente uma mudança e essa intervenção, é necessário que as escolas atendam as diferenças sem discriminação, estabelecendo regras de planejamento e avaliação de aprendizagem a esses alunos com deficiência.

Tendo em vista os aspectos acima, para que haja realmente a inclusão é necessário que as escolas ofereçam um ambiente acolhedor e seguro para todos os estudantes, que tenham professores preparados para receber as pessoas com deficiência. Também é importante que haja

uma adaptação curricular com práticas pedagógicas e métodos de ensino adequados a fim atender as necessidades de todos.

De acordo com Costa (2009) o processo de inserção promovido pelas políticas públicas, necessita de abordagens inovadoras para que se torne acessível. A inclusão escolar passou a ser lei, tornando com que as instituições acolham todos. No entanto não basta apenas cumprir a lei, mas também garantir que realmente ocorra, sem que gere ações de exclusão. Dessa forma é importante que as escolas adaptem suas metodologias de ensino, avaliação, sua estrutura escolar para que assim possam vir a atender as necessidades diversas.

Os estudantes com TEA enfrentam alguns desafios como dificuldade de se comunicar e interagir que podem afetar sua participação e aprendizagem no ambiente educacional. Portanto, é necessário que as escolas tenham um ambiente inclusivo, que façam uso de ferramentas e recursos que promovam a aprendizagem das pessoas com autismo e possibilitem a sua participação e interação com outras crianças.

Segundo Mantoan (2003, p. 43)

Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis.

Dito isso, para ensinar do ponto de vista inclusivo é necessário transformar profundamente a forma como o papel do professor, da escola e das práticas pedagógicas são compreendidos e aplicados. Trata-se de criar um ambiente educacional que acolha e respeite a diversidade, atendendo às necessidades de todos independentemente de suas características ou condições.

Incluir vai muito além de estar incluso fisicamente em um mesmo espaço que outros estudantes sem deficiência, ter uma cuidadora em sala de aula. Esses são fatores importantes para a inclusão, mas faz-se necessário também que todo o âmbito educacional repense e reflita sobre as ações que estão fazendo para tornar uma escola inclusiva de forma que atenda as especificidades desses alunos, como oferecer condições de trabalho favoráveis, formação continuada para os professores, recursos, apoio, uma estrutura adequada entre outros.

A LDB em seu artigo 59 estabelece que:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para necessidades; atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Quando a escola dispõe de uma boa estrutura e recursos e métodos de ensino inclusivo isso influencia para que o professor possa melhor desenvolver seu trabalho, contribuindo para

um melhor aprendizado das pessoas com deficiência. Isso é fundamental para que se tenha uma educação mais justa e igualitária.

Conforme aborda Costa (2009)

Para incluir, a escola necessita romper os seus pilares e buscar tentativas que perpassa ao ambiente escolar. Em primeira instância se faz necessário a atualização profissional. A formação continuada é papel decisivo para que reflitam coletivamente sobre o papel da escola do ponto de vista global.

Portanto, para promover a inclusão é importante buscar abordagens mais amplas que vá além do ambiente, sendo importante que a escola invista em formação continuada, pois irá preparar os professores para lidar com as diferenças, permitir também ao professor buscar novas práticas inclusivas.

3.2 Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento, que pode apresentar déficits na comunicação, interação social e no comportamento. Essas características apresentam-se ainda nos primeiros meses de vida, mas o diagnóstico pode ser feito por volta dos três anos de idade, esses déficits afetam o funcionamento cotidiano, impedindo que as pessoas com autismo realizem algumas atividades do dia a dia (American Psychiatric Association, 2013). Segundo o DSM-5 o diagnóstico do autismo é quatro vezes mais comum em meninos do que em meninas. O DSM- 5 classifica o TEA em três níveis de suporte, que são os seguintes: 1, 2 e 3.

Segundo Gaiato (2018, p. 46- 47- 48), os três níveis de suporte do TEA apresentam-se da seguinte forma:

Nível 1: Encontram-se aqui as crianças que têm os sintomas de TEA, mas que precisam de pouco auxílio, pouca intervenção terapêutica para realizar as atividades da vida. [...] têm dificuldade em iniciar e manter uma interação com outras pessoas.

Nível 2: [...] precisam de mais apoio e intervenção terapêutica. Os déficits na interação social são mais acentuados, e apresentam dificuldade de se relacionar adequadamente com outras pessoas, mesmo com mediação e muito suporte terapêutico.

Nível 3: [...] precisam de apoio intenso. Têm déficit intenso em comunicação verbal e não-verbal, e a interação com os outros é muito limitada e difícil de ocorrer. Os comportamentos restritivos e repetitivos interferem em todos os contextos em sua vida, mesmo recebendo muito tratamento. Os sintomas dessas crianças apresentam mais gravidade

Com isso, tendo em vista os sintomas e níveis de suporte verifica-se que o TEA não se manifesta da mesma forma em todas as pessoas, apresentando características diferentes, onde uns necessitam de mais apoio e outros de menos. Por isso é importante que as estratégias de ensino sejam inclusivas, e que se tenha um ambiente com uma boa estrutura para que atenda às necessidades de aprendizagem de cada educando.

De acordo com a 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM- 5).

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para

interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. (American Psychiatric Association, 2014, p. 31)

Com isso, esses déficits na comunicação e interação social podem interferir na aprendizagem das crianças, principalmente em momentos que dependem da interação social, como em atividades com outros colegas. A compreensão e o conhecimento dessas características apresentadas são importantes para que se faça o diagnóstico. Porém, a formação em pedagogia não capacita os professores para realizar tais diagnósticos. O diagnóstico deve ser feito por profissionais da área da saúde como neurologista. Sendo assim, pedagogos podem apenas observar as características e comportamentos e ajudar uma equipe multiprofissional a fazer uma avaliação da situação, passando informações sobre os estudantes com TEA. Com isso, o conhecimento adquirido durante a formação pode contribuir para que se possa identificar sinais e assim encaminhar para uma avaliação com um profissional especializado (SOUZA, 2022). Desse modo, a avaliação correta é essencial para garantir que os estudantes recebam o devido apoio, evitando informações erradas que podem gerar preconceitos. Por isso, a importância que os professores tenham formação continuada, visto que o preparo profissional irá auxiliar o professor a reconhecer sinais específicos e buscar profissionais competentes para realizar de fato o diagnóstico.

Dessa forma para ter um diagnóstico é importante que se tenha uma compreensão e observação atenta do comportamento da criança tanto por parte dos pais como dos professores. O quanto antes se reconhece os sintomas e começa o tratamento maiores serão os resultados tanto no desenvolvimento quanto na autonomia da criança.

Além da dificuldade na interação social e comunicação algumas crianças diagnosticadas com autismo podem apresentar dificuldade no aprendizado, e formas de aprender diferente das demais crianças não autistas, mas apesar dessa dificuldade no aprendizado isso não quer dizer que elas não tenham capacidade em aprender, pelo contrário eles são capazes de aprender, mas no tempo de cada uma. Por isso é importante que acreditemos no potencial dessas crianças. Sendo assim, é importante um olhar mais atento por parte dos professores, e que eles respeitem o tempo de aprender de cada discente e busquem formas de estimulá-los, com um ambiente estruturado e com ferramentas adequadas que contribuam para a aprendizagem dos estudantes com autismo.

Ao longo dos anos o termo autismo passou por várias mudanças. O termo autismo foi usado pela primeira vez em 1911 pelo psiquiatra Eugene Bleuler para nomear as pessoas que apresentam dificuldades na interação social e comunicação. Esses sintomas foram diagnosticados em pacientes com esquizofrenia (Sousa *et al*, 2022). E em 1952 o DSM também apresentou o autismo com sintomas de esquizofrenia, mas na terceira edição do DSM em 1980 o autismo foi separado dos sintomas de esquizofrenia, pois o autismo não tinha sintomas dessa doença. O DSM classificava também o autismo como Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Autismo infantil, Autismo Atípico, transtorno desintegrativo, e entre outros. E na quinta edição em 2013 o DSM classificou o autismo como TEA– Transtorno do Espectro do Autismo, por apresentar diversos sintomas. (Gaiato, 2018).

A quantidade de crianças diagnosticadas com TEA aumentou muito, isso porque antes não se tinha tanto conhecimento, nos últimos anos as pesquisas sobre o autismo aumentaram muito e são fundamentais para que possamos melhor entender o autismo e seus níveis de suporte. O conhecimento sobre o TEA contribui para que possa identificar os sintomas e assim buscar o tratamento. Antes se diagnosticava 1 crianças em cada 10.000, em 2018 eram diagnosticadas 1 a cada 59 crianças (Gaiato, 2018).

O número de alunos com autismo matriculados em escolas regulares aumentou muito, com isso faz-se necessário profissionais capacitados e atentos com relação a suas estratégias de ensino para atender as necessidades específicas dos aprendentes.

As pessoas com autismo apresentam alguns comportamentos disruptivos, e estereotipados que dependendo do comportamento são difíceis de lidar. Esses comportamentos muitas vezes podem afetar a aprendizagem a interação social e até mesmo a saúde da criança com autismo, pois, a criança pode vir a se machucar.

Gaiato (2018) afirma que:

problemas de comportamentos interferem diretamente na aprendizagem das crianças, pois elas podem perder oportunidades de ensino que gerariam estímulos ambientais ricos para a aquisição de repertório básicos de comunicação e interação social. (p. 93)

Diante disso, a intervenção de forma adequada dos profissionais é fundamental para evitar esses comportamentos, é importante buscar estratégias, e atividades que possam reduzir esses comportamentos para que isso não venha prejudicar a pessoa com autismo. É importante salientar também que o apoio dos pais e sua participação no processo de ensino e aprendizagem é fundamental para contribuir com o processo de aprendizado e desenvolvimento de seus filhos.

De acordo com Santos *et al* (2023, p. 8)

o processo de adaptação de um estudante com autismo de modo geral é desafiador, a mudança de rotina pode ser um problema nesse processo, pois exige compromisso não apenas do professor enquanto mediador, mas envolve a escola e a família.

Para pessoas com padrões de comportamento esse processo de adaptação não é fácil, não gostam de mudança, elas gostam de seguir uma mesma rotina, então quando ela chega em uma escola o processo de adaptação pode ser difícil.

O autismo não tem cura, pois não é uma doença, porém a ciência já avançou muito trazendo vários métodos terapêuticos que podem amenizar os sintomas e em alguns casos, o tratamento pode trazer grande evolução para a vida da pessoa com autismo, com o objetivo de que se torne uma pessoa ativa, e quando se busca intervenções precoce os resultados são ainda melhores (Gaiato, 2018).

Com relação aos direitos das pessoas com autismo, apesar das dificuldades que ainda se tem, essas pessoas estão cada vez mais conquistando seus direitos. As leis estão trazendo mais oportunidades e igualdade para essas pessoas. Uma das leis que lhes asseguram diversos direitos é a lei 12.764, de dezembro de 2012 conhecida como (Lei Berenice Piana). Em seu artigo 3º os direitos das pessoas com autismo são:

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;

d) os medicamentos;

e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

b) à moradia, inclusive à residência protegida;

c) ao mercado de trabalho;

d) à previdência social e à assistência social. (Brasil, 2012)

Ainda sobre essa lei, ela prevê no artigo 7º que “o gestor ou autoridade competente que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de três a vinte salários-mínimos”. (Brasil, 2012). Dessa

forma é previsto por lei o direito a matrícula de pessoas com autismo. Temos também a lei nº 13.977 de 08 de janeiro de 2020 que é conhecida como Lei Romeu Mion que criou a carteira de identificação da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea) que foi de fundamental importância, pois coloca a pessoa com autismo em prioridade nos atendimentos.

Com isso, vemos que as coisas progrediram bastante tendo o reconhecimento dos direitos das pessoas com autismo que garante a inclusão e igualdade de oportunidades na sociedade.

4. LUDICIDADE E TEA

De acordo com o dicionário *online* o termo ludicidade tem origem latina “ludus” que significa “brincar”. O brincar se refere a jogos, brinquedos e brincadeiras que tem como objetivo proporcionar alegria, prazer, despertar a imaginação das crianças, além disso também contribui para o processo de desenvolvimento e aprendizagem. A ludicidade segundo Luckesi (2022) pode estar presente em todas as fases da vida, desde a infância a terceira idade.

Segundo Luckesi, (2022)

Ludicidade é um conceito em construção no que se refere a seu significado epistemológico. Vagarosamente, ele está sendo construído, à medida que seguimos buscando sua compreensão adequada, tanto em conotação, sua compreensão, quanto em sua extensão, o conjunto de experiências que pode ser abrangido por ele. (p. 15)

Desse modo, o conceito de ludicidade está sempre em processo de construção especificamente em seu significado epistemológico. Essa construção se dá a medida em que buscamos uma melhor compreensão e à medida que fazemos uso de algo que envolve o lúdico.

Segundo Luckesi (2014)

ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das "brincadeiras". Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem. (p. 18)

Para Luckesi a ludicidade estar relacionada a experiência interna de quem vivência, com isso o que pode ser lúdico para um para outro pode não ser, isso vai depender da experiência que a atividade lúdica desperta em cada pessoa.

De acordo com Massa (2015)

A experiência lúdica está fora, além de todas as diferenças, é única. Por isso, possibilita ao sujeito experimentar a igualdade entre todos e tudo que existe. Estimula a aprendizagem da ética, das estratégias mentais e, sobretudo, da harmonia entre as pessoas. (p. 127)

Com isso, a ludicidade vai além das diferenças entre as pessoas, ela proporciona a interação com outras pessoas, ela permite que todos participem sem distinção.

Além da ludicidade ser algo que proporciona a interação entre as pessoas, o prazer, divertimento, ela também contribui para o processo de aprendizagem dos alunos e desenvolvimento de várias habilidades. Com isso a inserção de atividades lúdicas é muito importante, principalmente para as crianças com TEA, pois irá promover avanços significativos em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento afetivo, social, cognitivo, motor, e irá estimular a interação e a troca de experiências, tornando o aprendizado mais significativo. O lúdico pode favorecer um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor (Oliveira; Albrecht, 2021).

Para Oliveira e Albrecht (2021)

As brincadeiras e jogos lúdicos vem a colaborar com o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), bem como todo o público-alvo da educação especial, pois vai formando uma relação com o mundo adulto através de

suas representações simbólicas, tornando o aprendizado mais agradável e prazeroso. (Oliveira; Albrech, 2021, p. 3)

As brincadeiras e jogos lúdicos são recursos importantes que estimula as crianças em seu desenvolvimento, a partir das brincadeiras elas interagem com outras crianças na escola e com outras pessoas ao seu redor.

Desse modo, ao participar dessas atividades a criança não apenas se diverte mais também adquire aprendizagens, e possibilita a interação com outras crianças e adultos. (Lima, 2019, p. 12) diz que “[...] o brincar contribui para que as crianças com esse transtorno, em especial as que apresentam um nível leve do TEA, interajam de melhor maneira na sala regular de ensino”.

Assim o brincar não é apenas um divertimento, mas também um instrumento que facilitara o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Ao brincar as crianças tem a possibilidade de adquirir várias aprendizagens e habilidades da socialização, comunicação, do comportamento, cognição, sensorial, e entre outras (Gaiato, 2018). Com isso, em virtude de que umas das características da pessoa com autismo é a dificuldade na socialização e comunicação, fazendo que se isolem do ambiente social, o uso de materiais lúdicos como jogos e brincadeiras vai contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades.

A maneira como as crianças com autismo explora e manipula os brinquedos, muitas vezes sem fazer uso da função real do brinquedo, como, por exemplo, enfileirar objetos, repetição excessiva entre outros. Isso pode ser considerado um comportamento estereotipado. Quando a criança usa o brinquedo de forma não funcional sem mostrar interesse na devida função do brinquedo ela não estará desenvolvendo novos repertórios, mas apenas alimentando a necessidade estereotipada. No entanto se entrarmos na brincadeira dessas crianças como observar e imitá-las e conseqüentemente mostrar outra maneira de brincar poderemos ajudá-las a desenvolver novas habilidades. (Gaiato, 2018).

Lima (2019, p. 13) argumenta que:

[...] o aluno com necessidades especiais desenvolve-se com mais facilidade, uma vez que o ensino por meio de brincadeiras se torna um grande mediador entre aprendizagem e assimilação de conteúdo, possibilitando uma forma mais agradável e prazerosa de adquirir conhecimento. O mesmo ajuda o aluno nos âmbitos cognitivo, afetivo e social trazendo inúmeros benefícios para sua vida cotidiana.

Assim a ludicidade é uma ferramenta fundamental que facilitara no desenvolvimento de alunos com autismo e no processo de ensino aprendizagem, ajudando a criança a se expressar de forma espontânea e a estabelecer uma conexão com o mundo a sua volta, além de tornar a aprendizagem mais leve e prazerosa.

De acordo com a BNCC:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (Brasil, 2018, p.35).

Ao brincar, é importante que se tenha uma interação entre as crianças pois irá permitir que se expressem, resolvam conflitos, e aprendam a lidar com suas emoções. As crianças com autismo apresentam uma forma diferente de brincar.

Há diversos materiais como jogos, brincadeiras e atividades que são essenciais para estimular a comunicação, interação, aprendizado e desenvolvimento das crianças com autismo, como bolinha de sabão, blocos de madeira, jogos de encaixe, quebra-cabeça, brincadeiras de

faz de conta, jogo da memória, brinquedos sensoriais e entre outros (Gaiato, 2018). No entanto, nem todos esses jogos, brincadeiras e atividades poderão despertar o interesse do aluno em participar. Segundo (Gaiato, 2018, p. 144-145) [...] “algumas coisas podem desestimulá-las, tais como: falar muito enquanto brinca, tirar as peças da criança por usar "errado", brincar em ambiente cheio de estímulos distratores, brincar sem motivação”. Por isso é importante que se tenham um ambiente estimulante, é importante também que essas atividades sejam adaptadas de acordo com as necessidades e interesses de cada educando, para que atinja objetivos pedagógicos.

De acordo com Sousa *et al* (2022):

O lúdico possibilita maior qualidade no trabalho em sala de aula levando o ensino e o desenvolvimento com significado ao educando, pois a brincadeira e o jogo atraem o interesse do educando, facilitando o trabalho do professor além de ser um instrumento de fácil manuseio de crianças inclusas, possibilitando que se ultrapasse o mundo real, transformando-o em imaginário e vice-versa, além de permitir a expressão de desejos, exposição das emoções e reforço dos laços afetivos criando um ambiente acolhedor para crianças com TEA que geralmente apresentam dificuldade de interação social. (p. 56-57)

Com isso, percebe-se a importância do lúdico na escola, o quanto os jogos, brincadeiras podem contribuir para o processo de aprendizagem. Além de ser importante que vai despertar o interesse dos alunos, também age como um facilitador para a prática do professor, e também proporcionando um ambiente mais acessível principalmente para os aprendentes com necessidades especiais, permitindo que se expressem e interajam com outras pessoas.

De acordo com Abreu (2020, p. 8) “as crianças aprendem melhor a partir do momento que elas sentem prazer em aprender. Nesse sentido, espera-se que os educadores reflitam e reconheçam a importância que as atividades têm em assegurar a eficácia de processo de ensino-aprendizagem”. Quando os professores inserem atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, o aprendizado se torna mais eficaz, pois lhes proporciona prazer, tornando o aprendizado mais leve e estimulante para os estudantes. No entanto quando o professor não vivencia e não compreende a importância das atividades lúdicas, as atividades podem perder seu valor pedagógico, se tornando apenas meras atividades, sem promover o devido aprendizado e prazer que o lúdico pode proporcionar.

De acordo com Massa (2015)

O professor poderá incluir a ludicidade na sua prática docente apenas se o contato for realizado a partir do seu interior. Um educador que não se disponibiliza para estar junto de seus educandos, como pode ser lúdico? Como pode ensinar ludicamente? O ensino lúdico precisa ser conduzido por docentes que experimentem a ludicidade: caso contrário, será apenas um facilitador de atividades lúdicas. (p. 127-128)

Desse modo, para incluir a ludicidade em sua prática, o professor precisa se entregar, estar aberto e preparado para integrar novas formas de ensinar, e vivenciar o lúdico junto com sua turma, permitindo assim uma experiência lúdica. Tendo em vista a importância do lúdico, faz-se necessário que os professores vivenciem o lúdico junto com os alunos e reconheçam o quanto as atividades lúdicas contribuem para o processo de aprendizagem.

Oliveira e Albrecht (2021) ressaltam que o professor tem um papel fundamental para buscar e desenvolver novas estratégias lúdicas, utilizando jogos e brincadeiras, que contribuam para o processo de inclusão de pessoas com autismo. Porém como afirma (Lima, 2019, p. 16) “não é toda escola nem todo educador que se sente apto a desenvolver estratégias que contribuam para o processo de inclusão”. Isso muitas vezes decorre da falta de formação ou a falta de uma estrutura adequada e recursos. Assim é fundamental que os professores tenham uma capacitação a fim de que conheçam, entendam e compreendam as dificuldades e

necessidades de aprendizagem de cada educando e busquem estratégias e novas metodologias com atividades e brincadeiras que estimulem e contribuam no processo de desenvolvimento, aprendizagem e inclusão dos estudantes com autismo.

De acordo com Santos (2008) o desenvolvimento da aprendizagem das pessoas com autismo geralmente pode ser mais lento, com isso podem ter dificuldades para realizar algumas atividades, assim é necessário que os professores repensem e adaptem seus métodos de ensino de forma que possa atender às necessidades específicas dos discentes, tornando o aprendizado mais acessível.

Segundo Gaiato (2018)

As escolas são importantíssimas para a estimulação das crianças e adolescentes com autismo. Não só pela oportunidade de aprendizado que o ambiente escolar proporciona, mas também pela interação social de uma forma ampla, que pode variar desde um cumprimento inicial ao chegar na escola, a brincadeiras ao longo do dia, até momentos mais refinados de atividades em grupos. (p. 118)

Dito isso, as escolas também exercem um papel fundamental no desenvolvimento de estudantes com autismo, pois são um espaço onde essas crianças passam a maior parte do dia, que além de possibilitar conhecimentos irá estimular a interação social, que não é algo fácil para pessoas com autismo. Dessa forma, é importante que as escolas promovam um ambiente que possa contribuir para as crianças com deficiência e disponibilizem espaços e recursos e que permitam desenvolver a aprendizagem de forma lúdica.

No entanto, esse processo acompanhamento da aprendizagem das crianças não é apenas responsabilidade da escola e dos professores, como afirma Lima (2019)

O papel da família é essencial nessa fase, onde, a criança com TEA precisa ser bem orientada e assistida diante das dificuldades já encontradas, que por falta de uma boa orientação e informação a família acaba atrapalhando o desenvolvimento psíquico da criança, não entendendo que o brincar é um grande aliado para o progresso de crianças com necessidades neurológicas. (p. 27)

A família também tem um papel fundamental para o desenvolvimento da criança com autismo, visto que precisam de apoio, estímulo, orientação e que sejam acompanhadas em todos os momentos para que tenham um bom desempenho no desenvolvimento e aprendizagem.

5. CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa chegamos à conclusão de que a ludicidade é uma ferramenta essencial para ser utilizada em sala de aula pelos professores, pois quando utilizada com objetivos pedagógicos contribui para o processo de inclusão e aprendizagem dos educandos com autismo de forma prazerosa. De modo que, a ludicidade, é um recurso que vai facilitar a interação com outras crianças, o desenvolvimento de várias habilidades, como a coordenação motora, e para o processo de aprendizagem dessas crianças. Através da ludicidade a criança vai aprender de maneira mais fácil e prazerosa. Por isso, é fundamental que os professores façam uso de atividades lúdicas adequadas para que atenda às necessidades todas as crianças para que realmente ocorra a inclusão.

No entanto, é importante que os jogos e brincadeiras não sejam utilizados como uma simples atividade, com a função apenas de entretenimento, sem propósito. Os jogos e brincadeiras não tem apenas essa finalidade de trazer divertimento para a criança, mas também são uma ferramenta que contribui para o aprendizado e desenvolvimento. Assim, quando utilizados para fins pedagógicos podem tornar o aprendizado significativo.

Na atualidade, muitos professores e escolas não se sentem preparados para fazer uso de estratégias lúdicas, seja por falta de recursos, formação, ou de uma estrutura adequada. Deste

modo é importante que as escolas estejam preparadas para receber esses estudantes, proporcionando um ambiente inclusivo, acessível e que os professores sejam capacitados para que assim façam uso de atividades lúdicas adaptadas para que venha a atender as necessidades de cada discente e, assim, possam se desenvolver de forma prazerosa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Z. T. O. **O impacto da falta do lúdico na aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2020. Disponível em <
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10104>> Acesso em 24 set 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5.** Tradução: M, I. C. N, et al. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001,** institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001^a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 12.764** de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista.

BRASIL. **Lei nº 13.977,** de 8 de janeiro de 2020. Brasília: Diário Oficial da União.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

COSTA, Verônica de Fátima. **Inclusão, sem risco de excluir.** Olinda, PE: Babeco, 2009.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo:** guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: nVersos, 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Thamara Guedes. **O Brincar como Recurso Pedagógico para a Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Creche Gergina Alves Ferreira, no Município do Riachão do Bacamarte – PB.** Campina Grande, 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e Atividades Lúdicas na Prática Educativa: compreensões conceituais e proposições.** São Paulo: Cortez, 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MASSA, Monica Souza. **Ludicidade: da Epistemologia da Palavra à Complexidade do Conceito.** Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, n. 5, 2015.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e Inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista educativa pública**, v 20, n° 34, 8 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

OLIVEIRA, R. C; ALBRECHT, A. R. M. **Ludicidade: a importância dos jogos e brincadeiras na inclusão escolar dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no ensino fundamental.** 2021

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar.** São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, Cristiane Alves; FLORIANO, Genilson; DIAS, Nelson. **A Importância do Lúdico na Inclusão de Estudantes com Autismo.** [S.l.]. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023.

SOUSA, A. J; RODRIGUES, M. C. N; SANTOS, T. B. **A Importância da Ludicidade no Processo de Aprendizagem do Aluno com Transtorno do Espectro Autismo – TEA.** Epitaya E-books. Rio de Janeiro, 2022

SOUZA, Nathalia Silva. **Transtorno do Espectro Autista: o uso da ludicidade como instrumento para o ensino-aprendizagem,** 2022.